

CAPÍTULO 12:

Notas sobre os fundamentos e a construção sócio-histórica do feminismo no contexto euro-americano


**Maira Franciane da Silva;
Gustavo José de Toledo Pedroso;
José Fernando Siqueira da Silva**

*me levanto
sobre o sacrifício
de um milhão de mulheres que vieram antes
e penso
o que é que eu faço
para tornar essa montanha mais alta
para que as mulheres que vierem depois de mim
possam ver além
-legado.
(Rupi Kaur, 2018, p.213)*

Introdução

Pensar o feminismo tem se tornado um tema emergente e necessário. Reconhecido mundialmente como uma das frentes mais poderosas de luta por justiça social na atualidade, o feminismo se apresenta historicamente em fases diversas, configurando-se como um movimento com origem em meados do século XIX e que, em cada momento, traz consigo acontecimentos sociais, econômicos e políticos particulares, de acordo com o contexto social que o configura e com as condições em que se encontravam/encontram as mulheres que nele habitavam. Tais lutas, ainda que heterogêneas, com dinâmicas e intensidades variadas, voltam-se contra a opressão sexista, tendo por compromisso ético-político e teórico-prático, a transformação da sociedade a partir de uma perspectiva antirracista, antissexista, contra preconceitos direcionados à diversidade sexual e anticapitalista.

Os feminismos são plurais e divergentes. A história das mulheres fomentou as mais diversas teorias, com consequências práticas também variadas. Recorremos, então, à construção dos fundamentos teóricos e sociais do feminismo na busca por consolidar, enquanto um eixo norteador, a possibilidade de existir uma práxis profissional feminista e libertadora, que precisa ser constante-



mente reexaminada e confrontada com as possibilidades profissionais contidas em espaços contradiitórios presentes na sociedade capitalista.

O método em Marx (1989), apresenta-se nessa reflexão como eixo teórico norteador, situando o feminismo e sua gênese em um processo gerado nas e pelas relações sociais, utilizando-se do materialismo histórico-dialético para reconhecer a produção e a reprodução social como parte inerentes ao sistema capitalista, ampliando o horizonte emancipatório e buscando torná-lo uma realidade.

Ainda que adotemos a teoria social de Marx como base para a reflexão e os estudos, e que a fração mais progressista do Serviço Social brasileiro — parte dela feminista — mantenha, em alguma medida, proximidade com essa tradição teórica, é necessário ressaltar que isso não significa descartar, por decreto, orientações distintas ao marxismo. A defesa aqui, no campo exato do pluralismo (Silva, 2020, p. 57-101), aceita e estimula diferenças e a necessidade do debate entre tradições diversas e até antagônicas, sem que isso se traduza no ecletismo. Ou seja, o debate entre teses distintas e a crítica entre elas, considerando suas potencialidades e limites, sustentam-se no pluralismo crítico, o qual exige posicionamentos nítidos e o exercício da crítica radical, sem espaço para posições anti-humanas: machismo, racismo, preconceitos contra a diversidade, entre outras.

Destarte, é preciso caminhar criticamente por distintas vertentes teóricas, acreditando ser possível, por meio disso, mirar a história, folhear suas camadas de memórias, arquivos e narrações, pensando a dinâmica enquanto ela se movimenta.

Estruturalmente, nossa análise se divide por períodos históricos, reconhecendo que a exploração das mulheres antecede o modo de vida imposto pelo sistema capitalista. No entanto essa exploração é estruturante desde sua origem e se mantém essencial à consolidação da sociedade do capital. Para isso, iniciamos nossa reflexão resgatando análises de Silvia Federici sobre a caça às bruxas, buscando compreender o período de cerceamento, privatização e controle de mulheres e seus corpos — feminicídios que se perpetuam até os dias atuais e que são construídos historicamente e diariamente no sistema capitalista. Silvia Federici é uma feminista autonomista. Apesar de sua publicação ser recente, ela apresenta um panorama histórico fundamental para a compreensão do sistema capitalista e da exploração/opressão das mulheres.

Seguimos, a partir Mary Wollstonecraft, com a compreensão sobre a necessidade de transformação social do Estado para que as mulheres pudessem acessar a educação, a política e as leis que colocassem fim à subordinação feminina. Sua reflexão perpassa a vertente teórica do feminismo liberal, pois não alcança as mulheres de todas as classes, raças, gêneros e etnias. No entanto, sua obra foi fundamental para discutir a condição da mulher, sistematizando, no limite, suas reflexões na direção da emancipação política feminina e dos obstáculos postos e enfrentados para a sua concretização.

Recorremos a Simone de Beauvoir para compreendermos o ser mulher enquanto construção social, levantando o debate acerca do público e do privado, perpassando o afeto, a sexualidade e o corpo enquanto manifestação política, e tornando-se reconhecida historicamente como o ponto de partida para os debates feministas construídos na sociedade. Apesar de sua abordagem existencialista, em defesa da liberdade, Beauvoir foi altamente influenciada pela teoria marxista, especial-

mente por *O Capital*, ao construir análises acerca do trabalho, da maternagem, da exploração e do ser mulher no mundo capitalista.

Angela Davis suscita o importante e necessário debate acerca do feminismo negro e da construção sócio-histórica do feminismo nos EUA, crucial para reconhecer o debate da raça e classe na compreensão feminista da luta e da vida das mulheres estadunidenses e de todo o mundo. Davis é marxista, anticapitalista e antirracista, com brilhante análise e trajetória no feminismo acadêmico e militante. Ela trabalha na direção de construir um feminismo que una a classe trabalhadora multirracial para servir como agente histórico da mudança social.


bell hooks dá continuidade ao debate inicialmente levantado por Davis, em direção a uma teoria radical e libertadora, fazendo críticas cruciais à teoria feminista contemporânea, buscando acabar com a opressão sexista e desafiando a noção vigente de poder e dominação a partir de um feminismo globalizado, tecnológico e inclusivo. A autora acredita na transformação social por meio da movimentação dos pilares que sustentam a sociedade capitalista, descortinando a percepção da diferença e promovendo a tomada de consciência de classe, raça e gênero.

Ao optarmos por desenvolver a pesquisa sob perspectivas teóricas, partimos da compreensão, inspirada por bell hooks (2019b, p. 41), de que tudo que fazemos na vida é e está fundamentado em teoria, “seja quando conscientemente exploramos as razões para termos uma perspectiva específica, seja quando tomamos uma ação específica, há um sistema implícito moldando pensamento e prática”. Assim, nos apropriamos dessa percepção para apreender acerca do pensamento feminista e sua construção sócio-histórica, acreditando ser possível e necessário, a partir desse diálogo, estabelecer um fluxo contínuo de críticas e trocas dialéticas com o Serviço Social.

Caça às bruxas, a mulher e o capitalismo

[...] se as mulheres não se organizarem contra essas caças às bruxas, ninguém mais fará isso, e a campanha de terror continuará sob a forma de caça às bruxas ou de novas maneiras. Uma lição que podemos tirar do retorno da caça às bruxas é que essa forma de perseguição não está mais vinculada a um momento histórico específico. Ela adquiriu vida própria, de modo que os mesmos mecanismos agora podem ser usados em sociedades diversas, quando nelas houver pessoas que precisam ser ostracizadas e desumanizadas. As acusações de bruxaria, na verdade, são o mecanismo supremo de alienação e distanciamento, na medida em que tornam as pessoas acusadas – que ainda são principalmente mulheres – seres monstruosos, dedicados à destruição de suas comunidades, transformando-as, portanto, em não merecedoras de qualquer compaixão e solidariedade
(Federici, 2017, p. 137).

Durante séculos, no decorrer da história, as mulheres foram inferiorizadas em decorrência de seu sexo e viveram subordinadas às regras e situações impostas, desenvolvendo-se em um



processo violento e brutal. Para ilustrar esse cenário, apresentamos uma breve contextualização do período conhecido como “caça às bruxas”, que fornece subsídios para compreendermos a discriminação sofrida pelas mulheres, estruturante no capitalismo desde sua origem e essencial para a consolidação dessa ordem social.

A caça às bruxas marca um período histórico de transição socioeconômica, do feudalismo para o capitalismo. Marcado pela privatização da terra e pela mercantilização das relações sociais, o capitalismo funcionou como um mecanismo civilizador para criar uma subjetividade política e instituir um novo código social e ético, que cerceava todo e qualquer comportamento. Esse controle não afetava apenas as mulheres que resistiam — levando-as à fogueira sob a acusação de bruxaria — mas também todas aquelas(es) que se mostravam insatisfeitas(os) e dispostas(os) a se rebelar contra a instauração do novo modelo econômico.

A estratégia de caça às bruxas funcionou para construir uma nova ordem patriarcal, uma vez que o controle que as mulheres exerciam sobre seus corpos e, principalmente, sobre a reprodução, representava uma ameaça à estabilidade econômica e social da época. Assim, as desigualdades de gênero engendraram seus primeiros passos no sentido da dominação de classe, contribuindo para a formação do proletariado moderno, o que mais tarde Marx chamaria de acumulação primitiva (Marx, 2013).

Segundo Federici (2019, p. 55), com a eliminação das mulheres acusadas de bruxaria, também foram eliminadas “crenças e uma série de práticas sociais/culturais típicas da Europa rural pré-capitalista que passam a ser vistas como improdutivas e potencialmente perigosas para a nova ordem econômica”. Isso preparou o terreno para o confinamento das mulheres europeias ao trabalho doméstico não remunerado, legitimando sua subordinação aos homens (dentro e fora do contexto familiar), concedendo ao Estado uma nova forma de controle sobre sua capacidade reprodutiva e apoiando-se na invisibilização e no empobrecimento das mulheres.

O resgate histórico que Silvia Federici proporciona permite compreender a caça às bruxas como um fenômeno do passado que se perpetua até o momento presente. A instauração do sistema capitalista, juntamente com a perseguição, a tortura e os assassinatos a que mulheres foram submetidas, permanecem até hoje. A caça às bruxas ocorreu e agora ocorre com novas roupagens e características, implicando diretamente na sujeição das mulheres em diversas sociedades, cerceando corpos, comportamentos, direitos e liberdades.

A perseguição às mulheres continua afetando, principalmente, mulheres negras e pobres que, colonizadas historicamente, hoje procriam e criam filhos que se rebelam contra o sistema. Esse mesmo sistema também violenta essas mulheres por meio de políticas públicas que as definem como fardos e se mostram insuficientes. Federici é precisa ao apresentar o capital, desde sua gênese, explorando, maltratando e matando mulheres diariamente. A nova onda de violência é uma expressão clara dos ataques do capital à vida, aos corpos e aos sujeitos, buscando subjugá-los.

O período iluminista e a luta das mulheres por direitos

É hora de efetuar uma revolução nos modos das mulheres – hora de devolver-lhes a dignidade perdida – e fazê-las, como parte da espécie humana, trabalhar reformando a si mesmas para reformar o mundo
(Wollstonecraft, 2016, p. 69).


A transição do capitalismo comercial – dinamizado pelo mercantilismo (séculos XVI e XVII) – para o capitalismo concorrencial-industrial ocorreu no século XVIII, consolidando a hegemonia capitalista. Essa nova fase da acumulação capitalista foi marcada por inúmeras transformações nas atividades produtivas, por mudanças econômicas e sociais significativas e pela intensificação do trabalho, tudo isso potenciado pelo uso das máquinas.

Essa transição marca, ao mesmo tempo, o deslocamento da acumulação para a esfera produtiva (para além das relações econômicas comerciais geradoras de excedentes), simbolizada pela produção fabril e pela compra e venda da força de trabalho, principal razão da acumulação e fonte de valor como valorização do capital.

Dentre os fatores sociais de relevância, podemos destacar a passagem da sociedade rural para a sociedade urbana burguesa, o aumento massivo no número de desempregados e de pessoas que se deslocaram com o êxodo rural após os cerceamentos, a ascensão da burguesia inglesa com o aumento da força econômica, do poder político e do prestígio social. Em contrapartida, surgiu o proletariado, criando o que Karl Marx chamaria de exército de reserva, uma superpopulação relativa explicada pela lei geral da acumulação capitalista (Marx, 2013).

Em um contexto pós-Revolução Industrial e diante de todas as mazelas que o capitalismo instaurou, começaram a surgir movimentos sociais em resposta a essa conjuntura. Dentre eles, o feminismo, como movimento político e intelectual, passa a ganhar uma nova fase, apresentando como direcionamento ético-político a igualdade entre os sexos e a emancipação jurídica e econômica da mulher. Esse movimento ainda caminhava em passos lentos, ganhando maior notoriedade em âmbito mundial, com um caráter organizativo e uma identidade autônoma, adaptada à realidade sociocultural de cada país.

Mary Woolstonecraft é considerada uma das percussoras do feminismo na busca por compreender a luta das mulheres na conquista de direitos básicos, como o acesso ao trabalho e à educação formal. Convocando todas as mulheres, independentemente de sua classe ou posição social — sejam proletárias ou privilegiadas — a se unirem e lutarem bravamente contra o contexto de exclusão em que a industrialização as colocava, Mary discute a condição da mulher, sistematizando suas reflexões sobre a necessidade da emancipação feminina e os obstáculos enfrentados para a sua concretização.



Em seu texto *Reivindicação dos Direitos das Mulheres*, escrito em 1792, ela declara sua batalha pela emancipação feminina, retratando elementos como o não acesso a direitos básicos, que resulta na desigualdade de gênero no campo político, na educação e na inferiorização das mulheres nas sociedades ocidentais. Ela traz à luz do debate os prejuízos ocasionados pelo enclausuramento feminino na exclusividade da vida doméstica e pela submissão a que são impostas por pais, maridos ou irmãos, reafirmando, sob sua perspectiva, o que seria a pauta do movimento nesse período. Mary Wollstonecraft criticava veemente a injustiça e a inconsistência daqueles homens que clamavam por liberdade, mas subjugavam as mulheres, declarando que estudava a causa em prol de seu sexo e não por ela mesma.

Ao nos debruçarmos sobre sua obra, concluímos que ela nos deixa o legado de perceber e respeitar todas as mulheres, sem adulações que reconheçam apenas suas fraquezas, colocando-as como incapazes, fracas ou sem condições de assumirem suas próprias vidas e realidades.

Enquanto profissionais norteados por um projeto ético-político, temos como dever ético propiciar condições para que, em nossas práticas e intervenções, as mulheres possam reconhecer sua força, perceber sua capacidade de transformação e serem encorajada a enfrentar as expressões da questão social às quais estão expostas. Dessa forma, poderão se reconhecer enquanto cidadãs possuidoras de direitos.

É importante salientar que, segundo Aruzza (2018), o feminismo construído por Wollstonecraft, também denominado como feminismo burguês ou liberal, embora tenha contribuído de forma significativa para os feminismos e para a luta das mulheres, possui limitações que correspondem ao contexto sócio-histórico da época. Esse feminismo geralmente centraliza o debate na demanda por acesso à educação e à cultura, bem como aos direitos civis e políticos, adotando uma perspectiva individualista incapaz de considerar as diferenças de classe e o pensamento acerca da libertação das mulheres em termos coletivos. Dessa forma, acaba silenciando as necessidades específicas das mulheres operárias.

Anos depois, Flora Tristan, inspirada pela teoria de Mary Wollstonecraft (Aruzza, 2019, p. 37) desenvolve “sua crença na necessidade de uma ação coletiva que envolvesse mulheres e, de outro, uma compreensão dos vínculos entre exploração econômica e opressão feminina”, confirmando toda a potencialidade da obra e da autora.

A existência feminina e o tornar-se mulher

Eis, por que reclamam elas hoje, em grande número, novo estatuto; e, mais uma vez, sua reivindicação não consiste em serem exaltadas em sua feminilidade: elas querem que em si próprias, como no resto da humanidade, a transcendência supere a imanência; elas querem que sejam concedidos, enfim, os direitos abstratos e as possibilidades concretas, sem a conjugação dos quais a liberdade não passa de mistificação.

Essa vontade está se realizando. Mas o período que atravessamos é um período de transição; este mundo que sempre pertenceu aos homens ainda continua nas mãos deles; as instituições e os valores da civilização patriarcal sobrevivem a si mesmos em grande parte.

Os direitos abstratos ainda estão longe de ser integralmente reconhecidos em toda parte às mulheres. [...] E os direitos abstratos, acabamos de dizê-lo, nunca bastaram para assegurar à mulher uma influência concreta sobre o mundo; entre os dois sexos não existe, ainda hoje, verdadeira igualdade.

(Beauvoir, 2016, p. 191, grifo nosso)

Simone de Beauvoir compõe a fase em que o feminismo se encontrava social e historicamente entre as grandes guerras, abrangendo o período de 1940 a 1980, e foi influenciado por ideais que enxergavam as desigualdades entre homens e mulheres e a opressão sofrida por elas a partir de aspectos da sociedade, como sexualidade, religião e poder.

Em 1949, Beauvoir apresenta em sua obra, *O Segundo Sexo*, a concepção de heterodesignação, na qual os homens impõem às mulheres que não assumam sua existência, e questiona o androcentrismo que institucionaliza o homem como a medida de todas as coisas. Ela teoriza sua concepção do “ser mulher” como uma construção social, levantando o debate acerca do público e do privado, perpassando o afeto, a sexualidade e o corpo enquanto manifestação política. Sua obra permanece historicamente reconhecida como o ponto de partida para o feminismo construído na contemporaneidade.

Reconhecida por muitos como um grito de liberdade, a obra desafia preconceitos e trata de forma intelectual e aberta temas antes considerados tabus, expressando seu pioneirismo em inúmeras questões que, posteriormente, foram discutidas no movimento feminista e que seguem em debate até os dias atuais. Rompendo com as bases teóricas tradicionais, a obra pensa o feminino como um corpo vivido, expondo a construção social da corporeidade e da sexualidade, buscando desconstruir a identidade de um suposto sujeito feminino. Além disso, traz para o debate feminista a dimensão fenomenológica de tornar-se mulher, ao sustentar que a mulher é o “Outro”, o segundo, o desigual, o “Outro” do homem, construído socialmente.

Simone de Beauvoir apresenta um novo modo de olhar as mulheres, reconhecendo-as sob uma perspectiva de totalidade. Ser mulher está enraizado em construções sociais, políticas, culturais e ideológicas. A situação das mulheres como o outro desigual na cultura, nas relações e no

campo de trabalho ainda persiste sob várias perspectivas e realidades distintas. É importante que, enquanto profissionais, saibamos reconhecer o patriarcado que permanece arraigado nas entranhas da sociedade e continua triunfando, principalmente em momentos de crise, o que faz com que as mulheres precisem constantemente se unir para protestar e reivindicar minimamente seus direitos ao sim e ao não.

O feminismo é negro e antirracista

Acho que os movimentos, feministas e outros, são mais poderosos quando começam a afetar a visão e a perspectiva daquelas pessoas que não necessariamente se associam a eles. [...] Nós não podemos pressupor que é possível ter vitórias em qualquer movimento antirracista enquanto não considerarmos como o gênero aparece, como o gênero, a sexualidade, a classe e a nacionalidade aparecem nessas lutas. No passado, as lutas pela liberdade eram vistas como masculinas. A liberdade para o povo negro era equivalente à liberdade para o homem negro [...]. Mas isso já não é mais possível. E acho que o feminismo não é uma abordagem que seja ou deva ser adotada apenas por mulheres, mas deve ser cada vez mais uma abordagem adotada por pessoas de todos os gêneros
(Davis, 2018, p. 55).

Historicamente, grande parte do material feminista produzido no decorrer da construção do feminismo nas suas primeiras fases foi escrito por mulheres brancas. A publicação de *Mulheres, Raça e Classe*, da ativista e acadêmica Angela Davis, em 1981, constituiu um divisor de águas dentro do movimento. Com um novo viés, suas análises abarcam teoricamente o período sufragista, entre meados do século XIX e início do século XX, revelando o preconceito de classe presente nas entranhas do movimento, o que se configurou como um agravante na capacidade de o feminismo alcançar todas as mulheres.

O escravismo foi colocado como estratégia desumana de controle e violência contra as mulheres negras, refletindo diretamente na compreensão acerca do feminino, da raça e da classe. Davis perpassa, em suas análises, a construção da luta das mulheres e do feminismo como um movimento que, por anos, beneficiou e se desenvolveu em prol de mulheres brancas, de classe média e alta. Ela busca compreender e apresentar um novo viés da história do feminismo, ainda não contado, sobre como as feministas reproduziram ideias e atitudes opressoras e racistas em suas pautas de luta.

Angela Davis e o feminismo negro, por meio de suas análises, permitiram um novo olhar sobre a construção sócio-histórica do feminismo nos EUA, que tinha como pano de fundo a supremacia branca e o racismo estrutural perpetuado e enraizado nas práticas do movimento. Ao reconhecer as questões de raça e classe como necessárias para a construção de um feminismo que considerasse a luta, a realidade e o lugar de fala de todas as mulheres, principalmente daquelas que viviam sob condições precárias e marginalizadas — mulheres negras e operárias. Em um contexto

de esgotamento das ideologias que surgiram no século XIX, a década de 1980 propôs uma pluralidade feminista, reconhecendo os direitos das mulheres como direitos humanos.

Angela Davis traz, a partir de suas contribuições teóricas, a quebra de anos de silêncio, dos quais as mulheres negras, vivenciando realidades distintas de opressões enraizadas historicamente, enfrentam desafios, inclusive e principalmente dentro do movimento feminista. A própria imagem de Davis é poderosa e carrega toda a oposição necessária para o enfrentamento à representação das mulheres negras enquanto mulheres subalternizadas, subservientes e hipersexualizadas.


Sua obra é a contribuição necessária para percebermos o quanto o movimento negro tem em suas mãos o poder de desestruturar e desestabilizar as rígidas e consolidadas relações de poder no sistema capitalista. Como ela mesma nos afirma: quando as mulheres negras se movem, toda estrutura política e social se movimenta na sociedade.

Segundo Davis, não é possível combater a violência sem desmontar as estruturas do capitalismo. Nesse contexto, ela personifica a interseccionalidade como estratégia e resposta estrutural, política e intelectual de enfrentamento à supremacia branca, à violência, e ao patriarcado, engendrados pelo poder do Estado e do capitalismo.

Contemporaneidade feminista

Imagine viver em um mundo onde não há dominação, em que mulheres e homens não são parecidos nem mesmo sempre iguais, mas em que a noção de mutualidade é o ethos que determina nossa interação. Imagine viver em um mundo onde todos nós podemos ser quem somos, um mundo de paz e possibilidades. Uma revolução feminista sozinha não criará esse mundo; precisamos acabar com o racismo, o elitismo, o imperialismo. Mas ela tornará possível que sejamos pessoas – mulheres e homens – autorrealizadas, capazes de criar uma comunidade amorosa, de viver juntas, realizando nossos sonhos de liberdade e justiça, vivendo a verdade de que somos todas e todos ‘iguais na criação’. Aproxime-se. Veja como o feminismo pode tocar e mudar sua vida e a de todos nós. Aproxime-se e aprenda, na fonte o que é o movimento feminista. Aproxime-se e verá: o feminismo é para todo mundo (bell hooks, 2019a, p. 15).

Para compreendermos os processos que nos possibilitaram chegar até aqui, torna-se essencial e necessário contextualizar em que ponto da construção sócio-histórica o feminismo se encontra na contemporaneidade, acompanhando a “re- evolução” de toda uma humanidade e passando vidas, raças, povos, culturas e sociedades. Com o avanço das tecnologias e, com elas, o surgimento da internet, ampliaram-se as possibilidades de avanço das relações sociais, acelerando a comunicação global e colocando em debate a construção e o desenvolvimento de vários movimentos sociais e, conseqüentemente, de um novo momento do feminismo, que viria a ser denominado “quarta onda feminista”.



Os três períodos históricos e as chamadas “ondas feministas” até então tinham como foco o contexto social e político dos países centrais, com temáticas centralizadas. Esse novo momento dá continuidade ao debate iniciado em meados da década de 1980, abordando as perspectivas interseccionais e a positividade sexual, possibilitando a visibilidade e o destaque necessários aos países de regiões periféricas. Assim, dá-se espaço e voz a povos que nunca tiveram a oportunidade de serem ouvidos, encontrando na internet um meio de expressarem suas lutas e demonstrarem o novo conceito do movimento, sua filosofia e prática política.


Com um corpo feminista mais jovem, ainda que o feminismo já venha, historicamente, defendendo sua linguagem e seus objetivos há séculos, a igualdade de gênero buscada ainda não corresponde à realidade vivenciada por milhares de mulheres em todo o mundo. O uso da internet colabora para colocar essas questões em pauta e atingir o maior leque possível de pessoas, por meio de sites, *blogs* e redes sociais. Por outro lado, as feministas mais maduras presentes no movimento, passaram a ressignificar suas ações com base nos acontecimentos históricos contemporâneos.

O feminismo contemporâneo está se consolidando como um feminismo plural, retomando e abordando pautas já abordadas anteriormente, construindo e desconstruindo mudanças por meio das redes sociais “para fins de comunicação, oportunizar o desenvolvimento de debates sobre as pautas em questão e articular as ativistas em grupos organizados” (Silva, 2019, n. p.).

Nesse contexto, bell hooks dá seguimento ao olhar do feminismo negro iniciado por Davis e propõe a construção de um novo feminismo: acessível, direto e globalizado para todos, inclusive para os homens. Ela reconhece o movimento enquanto uma forma de amor revolucionário e busca atingir um leque maior de pessoas, promovendo a reflexão e convidando à luta por meio de seu potencial transformador, apresentando o feminismo como um movimento que visa acabar com a opressão sexista. Trata-se de uma obra atual e extremamente necessária para contextualizarmos teoricamente o feminismo contemporâneo que está em construção, utilizando o avanço tecnológico e o uso massivo da internet e das redes sociais para ampliando o debate.

Assim como bell hooks, nos aproximamos do feminismo desafiando a dominação masculina imposta pelo sistema patriarcal. Precisamos adentrar espaços, ocupar lugares de fala, soltar nossa voz e ir além da academia com os resultados, aprendizados e saberes construídos, mostrando às mulheres, por meio dos fundamentos teóricos e sociais, o quanto o feminismo veio para transformar tudo o que nos envolve, fortalecendo-nos, possibilitando a consciência de quem somos e de nossas capacidades, livres e possuidoras de direitos. Trata-se de um feminismo que reconhece os homens como instrumentos e apoiadores na luta pela construção de uma sociedade justa e igualitária para todos.

O movimento feminista ainda está em construção, modulando-se e movimentando-se conforme a realidade e a conjuntura social se desenvolvendo. Ele não está consolidado e ainda há muito trabalho a fazer, mas esse feminismo visionário em construção tem permitido, por meio das políticas feministas, “acabar com a dominação e nos libertar para que sejamos quem somos – para



viver em um lugar onde amamos a justiça, onde podemos viver em paz. O feminismo é para todo mundo” (hooks, 2019a, p. 167).

Considerações finais

As inquietações provocadas pela pesquisa, aliadas à vivência do Serviço Social, motivaram a busca pelas determinações históricas e teóricas que construíram o feminismo. O objetivo é adensar a estratégia que aposta na construção de caminhos renovadores para a profissão no embate com o conservadorismo ainda presente. Compreender e analisar a constituição das mulheres como uma categoria social e histórica se torna fundamental para percebermos o Serviço Social em sua totalidade enquanto profissão instituída no sistema de dominação–exploração capitalista, patriarcal e racista.

Marilda Villela Yamamoto (2012, p. 452) nos permite, por meio de suas obras, perceber o Serviço Social como uma profissão que constrói e reconstrói alternativas críticas para o enfrentamento da questão social, subsidiando a formulação de políticas sociais alternativas, mobilizando a atuação dos movimentos de classes sociais e consolidando propostas profissionais que fortaleçam a ruptura com o conservadorismo, orientadas pelo nosso Projeto Ético-Político, comprometido com a classe trabalhadora e com a democracia. Para isso, torna-se fundamental pensar o Serviço Social na dinâmica das relações sociais, inscrito em transformações históricas e sociais, repensando a questão social e suas múltiplas expressões na vida dos sujeitos e, principalmente, das mulheres, compreendendo o trabalho profissional em suas múltiplas determinações e relações no cenário atual. Ou seja, é preciso estimular a análise e a construção da profissão tendo como referência o movimento concreto da história (Yamamoto; Santos, 2021).

Estudar o feminismo enquanto instrumento teórico para fundamentar a prática converge de uma construção de categoria profissional que, desde seus primórdios, tem sido um campo predominantemente feminino, marcada pelos estereótipos sociais de gênero e inserida na divisão social e sexual do trabalho. Inicialmente composta pelas primeiras-damas e mulheres de destaque na sociedade, a profissão foi caracterizada pela naturalização e pelo instinto de cuidado, o que permeou também o próprio público atendido, composto majoritariamente por mulheres, caracterizando a responsabilização da mulher pelo cuidado da família e pelo funcionamento das políticas sociais públicas.

O desafio presente é construir um feminismo globalizado, para todas e todos os seres humanos, e, articulado a isso, a construção de um Serviço Social voltado à defesa dos direitos e das conquistas alcançadas ao longo da história pela luta das mulheres, sejam elas trabalhadoras ou não, comprometendo-nos com a radical democratização da vida social no horizonte da emancipação humana. Parafraseando Karl Marx: “ser radical é tomar as coisas pela raiz [...]” (Marx, 2005, p. 151), e a raiz, para a mulher, é a própria mulher, ainda que ela seja parte do gênero humano e dele não se separe.

REFERÊNCIAS

- ARRUZZA, C. **Ligações perigosas**: casamentos e divórcios entre marxismo e feminismo. São Paulo: Usina, 2019.
- BEAUVOUR, S. **O Segundo Sexo**: fatos e mitos. Tradução: Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- DAVIS, A. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DAVIS, A. **A liberdade é uma luta constante**. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2018.
- FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.
- FEDERICI, S. **Mulheres e caça às bruxas**: da Idade Média aos dias atuais. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.
- hooks, b. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução: Bhuvi Libânio. 6. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019a.
- hooks, b. **Teoria Feminista**: da margem ao centro. Tradução Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019b. (Palavras negras).
- IAMAMOTO, M. V. **O Serviço Social em tempo de capital fetiche**: Capital financeiro, trabalho e questão social. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- IAMAMOTO, M. V.; SANTOS, Cl. M. (org.). **A História pelo avesso**: a reconceituação do Serviço Social na América Latina e interlocuções internacionais. São Paulo: Cortez, 2021.
- KAUR, R. **O que o sol faz com as flores**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.
- KARL, M. **O Capital**: crítica da economia política: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, K. Crítica da filosofia do direito de Hegel: introdução. In: MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2005. p. 145-156.
- MARX, K. O método da economia política. In: FERNANDES, F. (org). **Marx/Engels História**. São Paulo: Editora Ática, p. 409-417, 1989.
- SILVA, J. M. **Feminismo na atualidade**: a formação da quarta onda. Recife: Independently Published, 2019.
- SILVA, Maira Franciane. **As mulheres que vieram antes**: os fundamentos teóricos e a construção sócio-histórica do feminismo no contexto euro-americano. Franca: UNESP, 2020.
- WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.